Síntese do projecto de candidatura a Director apresentada à escola

José Luís Carvalhido da Ponte

SONHO[1]

Pelo Sonho é que vamos,
comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
haja ou não haja frutos,
pelo Sonho é que vamos.

Basta a fé no que temos.
Basta a esperança naquilo
que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e ao que é do dia-a-dia.

[1] "*Pelo Sonho é que Vamos*", Sebastião da Gama

Chegamos? Não chegamos?

- Partimos. Vamos. Somos.

1. INTRODUÇÃO

"Pelo sonho é que vamos", diz Sebastião da Gama. E estou com ele. E com Gedeão acredito que "*o sonho comanda a vida*" .

Partimos apr(e)endendo o que temos e buscando o que desconhecemos. E só isso importa. Chegar ou não, é secundário. O que mesmo interessa é que partamos. Ficar continuamente no cais é estiolar. E morrer. Partimos. Poderemos não chegar mas tivemos a coragem de sair, de nos desencasularmos. De olharmos a circunstância e tentarmos entendê-la. De buscar o Outro para o abraçar. De perscrutar o caos para saborearmos o cosmos.

Partimos e partindo vamos e indo somos … que "*se hace camino al andar*"[2].

Mas para partir, urge derrubar barreiras. Para sair, necessitamos ter sonhos.

Como Martin Luther King, "*I have a dream*": fazer regressar a alegria à ESM. Sonho

[2] "*Caminante son tu huellas / el camino, y nada más; / caminante, no hay camino, / se hace camino al andar*" (Antonio Machado, poeta espanhol)

ser capaz de lhe restaurar o optimismo.

Sonho ajudar a construir uma escola onde o grande objectivo seja ***educar para a esperança***.

2. Educar para a Esperança

2.1. Uma necessidade: entender as **ameaças** com esperança

Vivemos um tempo e um espaço onde ninguém quer envelhecer e o hedonismo se instalou, senhor quase absoluto.

Vivemos uma sociedade do espectáculo onde o bem e o mal se constroem mais pelo aparato do que se faz do que pelo que se é. Onde a moral e os valores se medem mais por secretos interesses dos bonecreiros da modernidade.

"*Vivemos numa cultura e num momento histórico que enche a vida com o drama e as teias baças da desgraça, que faz alarido com as maldades, as incompreensões e os insucessos. Andamos aturdidos com as derrotas, as infelicidades, os pessimismos. Não nos sentimos à vontade na presença de falhados nem de falhanços, mas alimentamo-nos deles, como canibais estranhos energizados pelas insuficiências da vida. As histórias más, deprimentes e assustadoras são o conteúdo dos nossos discursos*."[3] Os *media* falam-nos de desgraças – as desgraças vendem; a felicidade das pequenas coisas boas não vende, não faz história, não cativa audiências; ao nosso lado há sempre alguém que nos transmite mal-estar e descrença.

Por outro lado a concentração dos meios de comunicação tem feito "*coincidir o controlo económico e mediático com o político*"[4] o que "*facilita a mentira por parte dos governos, para enganar a população sobre o carácter e os fins reais de algumas decisões , posto que desmentir tais patranhas fica fora do alcance da minoria que pode conhecer a manobra*"[5]. Assim, e citando Marguerite Yourcenar, " *… a longo prazo a máscara converte-se em rosto*" e demasiados políticos, homens públicos e responsáveis educativos fazem da mentira e do cinismo a sua forma de estar na governação, na família, na vida.

Em síntese, vivemos uma civilização marcada, essencialmente, por cinco culturas: a utilitarista[6], a consumista[7], a individualista[8], a da despersonalização e do anonimato social[9] e a da ambiguidade nas relações sociais[10].

Só que a crise actual, mais do que financeira e económica, é-o também civilizacional: os homens retiraram o Homem do centro das decisões e não mais tudo o que ao Homem diz

---

3 Marujo (2001), p. 13

4 Jares (2006), pp 160 e ss

5 Sampedro (2003), p.74

6 Só se atribui valor ao claramente quantificável, ao compensável com moeda; predomina o quanto: quanto me dás? Quanto me pagas? Quanto ganho com isso? Não há lugar para a gratuidade.

7 A minha felicidade mede-se pela capacidade de ter tudo o que me apetece. Novamente o *quanto*: serei tanto mais feliz quanto mais possuir/consumir.

8 É a do "*Salve-se quem puder*" e de um outro *quanto*: quanto mais conseguir, escondendo dos outros os meus trunfos, mais progredirei. O interesse individual, a felicidade individual, a preferência individual por muito subjectivas que sejam, são o critério.

9 expressa na " fuga de si próprio" como no alcoolismo, na droga...Ou traduzida em certas formas de organização social que promovem a dissolução das pessoas no social. Que importa o indivíduo? Importa o colectivo; eu sou nada socialmente.

10 Quanto se confundem as relações sociais; confusão entre autoridade e autoritarismo; demissão sistemática dos governantes e dos educadores resultante de uma atitude de puro comodismo, de egoísmo ou mesmo de medo; a alienação de deveres..

respeito enforma as preocupações deste selvático neo-liberalismo.

Sentimo-nos pois educadores frustrados, " *descrentes e deprimidos*" sob "*o peso da responsabilidade, do excesso de trabalho e preocupações, e dos medos que nos assaltam*"[11]. Atemoriza-nos que não tenhamos tempo para enfrentar os desafios da globalização e, na rota dos afectos, podermos contribuir para a construção de cidadãos plurais. Falam-nos apenas "*de escolas eficazes, da organização empresarial das escolas, do ensino técnico e neutro, da avaliação objectiva*"[12] e esquecem as pessoas. Os seus dramas. Os seus medos. Os seus escaninhos. Ou somos muito bons e excelentes ou ficamos pelo caminho. E somos horários-zero. Zeros, mesmo.

Parecem esquecidos os caminhos do Homem.

É verdade que nos devemos preocupar com o sucesso escolar dos nossos alunos para que lhes possamos garantir um futuro mais seguro, mas não o podemos fazer esquecendo ou subestimando o seu desenvolvimento pessoal, emocional e relacional. É que se o fizermos, e quantas vezes assim actuamos, eles acreditarão que apenas " *valem aquilo que conseguem produzir ou atingir, em particular em termos escolares*"[13].

É necessário mudar este estado de coisas. Não podemos ficar à espera que o estado o faça por decreto. Dêmos, nós, a volta, que os actores desta transformação teremos de ser nós : professores, auxiliares da acção educativa, administrativos, encarregados de educação, autarcas, empregadores. Nós-Todos. Não os nossos alunos, como às vezes pensamos: "*eu bem lhe digo, mas!*". Os média, os heróis, os amigos são influentes mas não mais que os pais, os avós, os professores, a família, a Escola … não mais que Nós-Todos. [14]

Urge, então, educarmo-nos para a Alegria. Para o Optimismo. Para a Verdade: "*Que sentido faz ser educador se não se andar entusiasmado com a vida, saboreando-a como uma permanente e fascinante aprendizagem e descoberta? Não devermos ser nós, que ensinamos outros, a comportarmo-nos como mensageiros da esperança? Se não andarmos felizes, como poderemos transmitir e ensinar aos outros alegria e vontade de viver? Como conseguiremos acreditar, e levar os outros a acreditar, que o que aí vem, no futuro, será melhor? De que forma passaremos a ideia de que é bom crescer e vale a pena ser adulto?*" [15]

Urge, em cimeira instância, EDUCAR PARA A ESPERANÇA da possibilidade de uma nova civilização onde, pela reposição de valores, os nossos jovens *aprendam a ser* e a *estar com*[16], respondendo: ao utilitarismo com a gratuidade; ao consumismo com a partilha (de haveres,

---

[11] Marujo (2001), p. 14

[12] Jares(2006) pp 10/11

[13] Marujo (2001), p. 20

[14] Vulgarizou-se, um pouco, a ideia de que uma criança adquire os valores morais "por via indirecta, quando assiste a aulas de outras matérias ou participa em actividades escolares". É correcto mas insuficiente pois "não devemos confundir a aprendizagem directa ou indirecta de noções morais com o ensino que tem por objecto noções em torno da moral e dos argumentos que a sustentam". (O Valor de Educar, Fernando Savater, p. 81)

[15] Marujo (2001), p. 14

[16] O défice de formação ética a que, não raro, nos reportamos, terá de ser urgente e pacientemente contrariado tanto

de tempo, de competências, de…); ao individualismo com a solidariedade; à indiferença com o compromisso; à despersonalização e anonimato social com o sentido da dignidade do Outro; à ambiguidade nas relações sociais com o respeito e a responsabilidade.[17]

Se assim o fizermos, muito mais facilmente conseguiremos que *aprendam a fazer* e *aprendam a aprender*[18].

2.2. A ESM hoje: pontos fortes e fracos; oportunidades

Por seu lado a escola, para além de todas as ameaças atrás referidas vive também, por outras razões, momentos conturbados: a avaliação do desempenho dos docentes e a ameaça da não progressão na carreira e dos horários-zero; a catadupa de legislação ultimamente produzida pela tutela; a existência de vários Centros de Novas Oportunidades em competição directa com o nosso CNO; a quase demissão da família na relação escola-aluno-família.

É verdade que temos **pontos fortes**:

- bons desempenhos escolares face à heterogeneidade do corpo discente;
- um corpo docente atento, capaz e, mesmo assim, empenhado;
- bons profissionais entre os Auxiliares da Acção Educativa e nos Serviços Administrativos;
- estabelecimento de parcerias relacionadas com a formação profissional de alunos e professores;
- uma tradicional boa vizinhança com as instituições da comunidade;
- somos escola-sede da Formação Contínua;
- temos um CNO – Centro de Novas Oportunidades;
- temos uma associação de antigos alunos, activa e dinâmica;
- capitalizamos ainda alguma boa imagem pública.

Temos, contudo, e também, inúmeros **pontos fracos**.

a) Com efeito, para além de todos os aspectos físicos, cuja recuperação estará para breve[19] e

ao nível das pessoas como das instituições.

[17] A CNJP (2009), na sua reflexão para na Quaresma de 2009, afirma na p. 6: " a crise pode também servir de ocasião para introduzir *melhorias qualitativas na vida das pessoas e promover a humanização das sociedades*. […] A crise constitui, também, um maior *apelo à solidariedade e à inovação social*" de todos nós.

[18] "À medida que se sucedem as análises acerca da crise e se identificam os seus responsáveis e protagonistas, mais claro se torna que boa parte das razões subjacentes tem a ver com a enorme inconsciência com que os grandes negócios mundiais têm sido conduzidos (défice de conhecimento), uma incapacidade de análise crítica e previsional (défice do saber fazer) e também com comportamentos éticos muito negativos onde prevalecem a ambição e o egoísmo (défice de formação ética)" - CNJP, idem, pp 7/8.

[19] As obras de restauro e reconstrução da nossa escola, vão, quando concluídas, traduzir-se num ponto forte na medida em que, quer as condições, quer os espaços se vão alterar, aumentar e valorizar consideravelmente. Contudo, durante cerca de 18 meses (que corresponderão aos primeiros 18 meses do mandato do Director) serão, inquestionavelmente, um ponto de oponência ao cumprimento de qualquer programa de trabalho e exigirão um tratamento cuidado e personalizado. Sem dúvida que a comunidade escolar terá de ser ganha para o processo e

de uma clara desmotivação, por parte dos docentes, decorrente de toda a realidade sistémica que se tem vivido na educação, verificamos, ainda, uma dramática emergência de bolsas de pobreza entre os alunos; que muitos professores, nestes últimos anos, têm, progressiva e erradamente, abdicado de intervir, como educadores, dentro e fora da sala de aula, remetendo-se ao papel redutor de "instrutores", por não se sentirem apoiados pela tutela;

Em muitas escolas despiram-se as camisolas e o puro, embora pseudo, tecnicismo intrusou-se nas práticas; sentimo-nos insatisfeitos, infelizes, tensos e desanimados; desconfiamos dos parceiros e dos colegas; alguns vivemos com medos … em especial do poder mais próximo.

Por tudo isto, andamos tristes e, às vezes, as práticas ressentem-se, naturalmente, deste estado de espírito.

Por tudo isto, vive-se em muitas escolas um fim de ciclo onde o arrivismo tomou conta dos momentos decisórios.

Por tudo isto sentem-se, também, algumas **oportunidades** geradoras de esperança:

- a sociedade, cansada da(s) crise(s) e desiludida com o fracasso das políticas seguidas, está receptiva à mudança;
- as empresas parecem estar, cada vez mais, abertas à formação contínua dos seus colaboradores e, portanto, abertas a escola;
- os encarregados de educação, ainda que lentamente, começam a preocupar-se também com o percurso académico dos seus educandos;
- as instituições públicas de solidariedade social, de segurança pública e outras, estão mais disponíveis para a cooperação com as escolas, nomeadamente na prevenção de comportamentos desviantes e/ou disruptivos;
- muitas instituições de ensino superior, estão hoje muito mais disponíveis não apenas para as *semanas das profissões* como ainda para colaborarem connosco em actividades tanto de índole científico-pedagógica como promocional;
- os adultos têm aderido abertamente ao Processo de RVCC.

Por tudo isto, finalmente, este meu desafio para os próximos quatro anos onde defendo a urgência de **Educar para a Esperança**.

---

para todos os momentos dolorosos que este acarretará ao seu normal funcionamento, pelo que criarei uma equipa, dependente de mim, que o acompanhará diariamente.

3. Áreas de Necessidades

Feita uma síntese destes problemas poderemos agrupá-los em 4 áreas de necessidades:

3.1. mais sucesso escolar dos alunos nos domínios do cognitivo e do biopsicossocial;

A UNESCO definiu para o século XXI, 4 pilares fundamentais para a Educação: Aprender a Ser, Aprender a estar com, Aprender a fazer e Aprender a aprender. Já há uns bons 2.000 anos os romanos defendiam que uma mente sã exigia um corpo saudável: *mens sana in corpore sano*. Mente sã num corpo são.

Quanto mais trabalharmos as áreas sócio-afectivas mais consistentes serão os resultados do labor cognitivo, que ninguém surge *ex nihilo*, que ninguém vive ou morre sozinho.

3.2. Daí uma segunda área: a do bem-estar e cultura de escola

Vamos ter uma escola nova. Recuso-me a, tão-só, ocupá-la. Quero habitá-la. Quero que os nossos professores, os nossos colaboradores, os nossos alunos e os nossos encarregados de educação aprendam a habitá-la. É que só seremos capazes de empalavrar a realidade, de a dizer, quando a habitamos. E habitar significa estar nela mais do que, repórteres de ocasião, a vermos por fora. Habitar significa imprimir o nosso cunho às coisas. Habitar significar cunhar o espaço e tempo das nossas vivências.

Mas não só.

A violência (física, verbal, social) tem sido uma evidência na nossa sociedade ao longo dos tempos. Assiste-se, contudo, em crescendo, a situações de humilhação, discriminação, exclusão e vitimização social que se reflectem cada vez mais na vida escolar. Assiste-se, hoje, a uma cultura de violência que sobressai nos modos de agir de todos – adultos, jovens, crianças. Ora a escola tem sido afectada com estas novas realidades e muitas vezes não sabe como lidar com tais situações. Uma escola de todos e para todos exige pensar em inclusão, em dar oportunidades e desenvolver uma educação para a convivência, para a gestão positiva de conflitos, que levem a uma cultura de paz e de cidadania. De esperança.

Mas como? Apostando

- numa equipa de mediação de conflitos que seja um instrumento de diálogo e de reencontro interpessoal que, de forma neutra e imparcial, leve os indivíduos a comunicar, a negociar e a procurar compromissos criando parcerias e redes que possam ajudar o jovem a ser melhor e a concretizar o seu projecto de vida. Uma equipa que aprenda a "educar no

conflito e para o conflito"[20] para mudar a presente cultura de adversidade. Uma equipa que aprenda a conhecer melhor o Outro, desenvolvendo projectos conjuntos que transformem os conflitos em desafios solucionáveis (educar para o optimismo, para o positivo) e não em obstáculos segregadores;

- numa equipa que todos os anos traga à escola especialistas e organize um FORUM anual de reflexão sobre questões como: conflitos, indisciplina, pobreza, inclusão/inserção, voluntariado, cooperação, etc.

Por outro lado daremos cuidada atenção à memória.

Na sua existência e processo de humanização o ser humano tem 4 necessidades básicas:

- Ser acolhido e reconhecido como humano.
- Ser ajudado no seu processo de crescimento (necessita de orientação nos caminhos da sua existência e na leitura do mundo e da história).
- Ser amado e amar.
- Ser protagonista do seu viver e da construção da história.

Nascemos humanos... Mas humanizamo-nos … A qualidade do humano está directamente relacionada com a qualidade do acolhimento e reconhecimento.

Para realizar a tarefa de humanização necessitamos de um certo tipo de transmissões...

...que nos permitam adquirir a «competência gramatical e linguística» específica do ser humano.

...que permitam ao recém nascido ir adquirindo uma fisionomia tipicamente humana.

Por isso e para isto urge estar atentos à Memória. Com efeito o ser humano é sempre um herdeiro. Logo,

- Uma adequada recepção, contextualização e assimilação da herança (da tradição) torna-se decisiva para a existência, para a 'saúde' do ser humano.
- Sem a memória há perdas que dificultarão a humanização do ser humano.
- Esta é facilitada na medida em que viva em comunidades de memória.
- São estas comunidades que permitem ganhar o desafio ao trabalho, muitas vezes, desarticulador do tempo.

É que a memória

- transmite (insere-se na continuidade de uma história familiar/comunitária

[20] In JN de Novº de 2007 , crónica de Elisabete Pinto da Costa.

com as suas particularidades).

- permite vivenciar (vinculada à experiência afectiva e amorosa dos membros vivos e defuntos).
- Predispõe para a reflexão (faz a avaliação crítica de tudo o que é transmitido no seio familiar/da comunidade).
- permite situar cada indivíduo numa história concreta, fora da qual o presente é pouco consistente e o futuro improvável.
- a memória narrada permite a coimplicação efectiva e experiencial com os que nos precederam e com os que nos seguirão.

Assim, trabalharemos a memória da escola e dos nossos sítios de forma a que os nossos alunos se sintam acolhidos e reconhecidos, amados e capazes de amar; protagonistas do seu percurso e construtores da história. De forma a que digam, com orgulho, ando/ei em Monserrate.

Aqui, permitam-me uma breve referência ao Plano de Actividades

É o documento orientador, (pluri)anualmente, "*dos objectivos, das formas de organização e de programação das actividades*" e das estratégias identificadoras de recursos e potenciadoras de execução e avaliação final.

No sentido da fundamentação que apresento para que estes quatro anos se norteiem pelo "Educar para a Esperança", o tema aglutinador para o(s) Plano(s) de Actividades, para este período, será o Homem: o homem-ele-mesmo, mas ainda o homem capaz de viver com, de fazer e de aprender. Mas sempre o Homem, pivô do devir. Mas sempre o Homem-centro das nossas preocupações. Mas sempre o Homem como fulcro da esperança: *homo sum et nihil humanum a me alienum puto*[21].

Introduzirei, contudo, neste processo uma inovação: em cada ano escolheremos uma ou mais personalidades alto-minhotas (nas áreas das letras, da solidariedade social/voluntariado/, técnicoprofissionais/artesanto/artes/…, do pensamento/ da investigação), de preferência que tenham passado pela nossa escola como alunos e/ou professores e que pelo seu labor mereçam ser apresentadas à comunidade.

Assim:

2009/2010 – <u>Tema:</u> *HOMO* (O homem-ele mesmo). Quem somos? Como somos? O

[21] "*Sou homem e a nada do que é humano me julgo alheio*" (Terêncio)

que nos transforma em PESSOAS? Quem sou eu? Como dialoga o meu *eu* com o meu mim? O Homem e as máscaras…

2010/2011 – Tema: *HOMO SOCIALIS* (O homem em sociedade; eu e outro) – Quem é o Outro? Quais são as regras da nossa convivência? Quais os limites da nossa liberdade? Que entendemos por Democracia? Conceitos de: Norte e Sul, países ricos e países pobres, cooperação, voluntariado, humanitarismo, terceiro mundo. Quem são os *outros* na minha cidade? E na minha escola? E na minha Turma?

2011/2012 – Tema: *HOMO FABER* (O homem como construtor, o artífice, Dédalo e Ícaro).

O homem sonhou voar para fugir às teias do labirinto. E construir as asas do seu sonho. E garantiu a sua sobrevivência. E aprendeu a construir os artefactos da sua felicidade. Como aconteceu este processo? E nesta cidade e na minha aldeia e na minha escola como construíram os homens os sonhos da sua emancipação? Quem foram e são os nossos artífices? Os nossos fazedores de barcos a haver? Os nossos profissionais?

2012/2013 – Tema: - *HOMO SAPIENS* (O homem capaz que apr(e)ender e se tornar recriador da sua circunstância).

O homem recebeu a informação da memória, trabalhou-a, compreendeu-a e recriou os seus caminhos. Os caminhos do espanto. Os caminhos do conhecimento. Os caminhos de que resultou a modernidade: a evolução científica, a evolução técnica, a evolução tecnológica.

O homem em diálogo com a pólis.

3.3. **formação contínua de toda a comunidade escolar**

Para que se possa ajuizar da bondade de um projecto e para que o mesmo venha a ser executado com sucesso, será imprescindível que todos os seus actores o conheçam, o assumam e o defendam. A ninguém se peça o que não tem. A ninguém se exijam competências por adquirir.

Assim sendo, a exequibilidade quer de um Plano Anual de Actividades, em particular, quer de um Projecto Educativo, em geral, depende da forma como a comunidade escolar os apr(e)endeu. Depende do seu estudo, da diagnose dos pontos fracos e fortes, e, posteriormente, da formação como espaço de superação das dificuldades encontradas.

Em face do exposto torna-se necessário:

- apostar na formação contínua não apenas no âmbito das didácticas e do aprofundamento cintífico-pedagógico dos docentes, mas ainda no das competências de Coordenadores de Departamento e Delegados de Disciplina, de Directores de Turma, de Delegados e sub-delegados de turma, de Auxiliares da Acção Educativa e Administrativos.

Esta formação contará, naturalmente, com os recursos do Centro de Formação Contínua, mas não só: a Escola terá de, ano a ano, identificadas as necessidades imediatas (a execução do Plano Anual de Actividades, por ex., será uma delas), ser capaz de as suprir quer recorrendo aos seus quadros, quer através de formadores convidados.

3.4. diálogo com os encarregados de educação e a comunidade envolvente (académica, profissional e autárquica;)

Se a função da escola assenta, essencialmente em quatro pilares[22] – aprender a Ser, aprender a estar com, aprender a fazer e aprender a aprender - será bom que também os pais os conheçam e os reflictam[23], com o Directores de Turma e os professores dos seus filhos. Para que possam, Escola/Encarregados de Educação, sintonizar-se não na perspectiva da unicidade de pensamento mas na da construção colaborativa de percursos plurais[24].

Sabe-se ser difícil por não termos uma cultura de aproximação dos encarregados de educação à escola mas não será muito inteligente duvidar-se de "*que a chave para o sucesso educativo, a igualdade de oportunidades e a excelência residem numa maior aproximação às famílias dos alunos. [….] Quase todos os estudos concluem que uma boa relação entre a escola e os pais é uma variável de peso no aproveitamento escolar [e que os pais] valorizam mais os professores quando há um bom relacionamento com eles* "[25]. É, infelizmente, notória a dificuldade que alguns professores têm " *em ajudar os pais em conduzirem as actividades de aprendizagem, em casa, com os filhos, mas quando o fazem, as famílias participam com entusiasmo*" (DAVIES, idem).

Neste sentido, não só procurarei facilitar e até entusiasmar o aparecimento de uma Associação de Pais como ainda, numa escola nova e ampliada, destinar-lhes-ei uma sala apropriada e promoverei, quer com a associação, quer com os pais de todas as turmas, reuniões periodais.

Por outro lado " *se os professores não forem sensibilizados para as vantagens do envolvimento dos pais, para a reflexão sobre o tipo de envolvimento desejável, para as estratégias de envolvimento e a que pais se devem destinar prioritariamente essas estratégias, será difícil a sua adesão*" [26].

Foi num quadro semelhante que em 98 criei a chamada terceira hora para os DTs, como a escola o sabe e cuja fundamentação pode ler-se num artigo que então publiquei no jornal RUMOS, da DREN[27]. Procurarei, agora, uma solução muito idêntica conforme a situação-

---

22 Definidos pela Unesco com fundamentais, para o Séc. XXI

23 "*Um factor que contribui com frequência para a falta de autoconfiança dos pais é a sua ignorância sobre os métodos de educação adequados. Mesmo em indivíduos normalmente equilibrados e autoconfiantes, esta ignorância pode produzir facilmente um sentimento de frustração, mas quando associada a um sentimento profundo de inferioridade deforma completamente a relação pais-filhos*" [DREIKURS (2001), p. 14]. Logo a relação pais-escola.

24 "*Quando na família não há diálogo, quando na escola não há diálogo, como harmonizarão os alunos o seu mundo afectivo? Como conseguirão uma maturidade emocional, quando a família vai por um lado e a escola por outro? Está aqui a responsabilidade*". [DIEZ(1982), p. 39]

25 DAVIES (1993), p 49 e ss

26 DAVIES, idem, p. 89

27 … e poderá ainda ser lida no meu Relatório de Actividades para o período de Janeiro de 96 a Dezembro de 97 (cf o meu Processo Individual).

problema de turma. É que se a escola quiser que esta relação aconteça terá de encetar uma forte aposta no perfil, formação e disponibilidade mental dos Directores de Turma e na sua relação com os encarregados de educação de forma a que

+ estejam abertos a toda a formação que lhes possa ser facultada;
+ acreditem ser possível envolver cada vez mais os encarregados de educação no processo ensino-aprendizagem dos seus educandos;
+ todas as reuniões por si convocadas sejam espaços de formação, sirvam, essencialmente para a reflexão e tomada de consciência dos problemas/desafios colocados pelo curso/turma(s)/Plano de Actividades/Projecto Educativo/etc;
+ encontrem todos os mecanismos postos ao seu dispor, e/ou outros resultantes da sua criatividade, para fazerem fluir a informação encarregados de educação / escola e vice-versa;
+ envolvam os encarregados de educação em alguns eventos da turma/escola no âmbito do Plano Anual de Actividades[28].

Por outro lado, o futuro dos alunos de uma escola secundária pode ser o prosseguimento de estudos, o mercado de trabalho ou o desemprego. E a escola não deve alhear-se destas hipóteses de saída dos seus adolescentes; entre as nossas preocupações tem também de estar o futuro dos nossos jovens.

Assim,

- manteremos um cuidado e privilegiado relacionamento com o IPVC e as suas Escolas, pela sua proximidade geográfica, mas também com outras instituições do ensino superior;
- manteremos a *Semana das Profissões* ainda que possamos repensar-lhe a morfologia, em especial ao nível do nosso empenhamento (em nosso leia-se TODA A ESCOLA);
- procuraremos que cada curso possa contactar, mais em pormenor, com licenciados da mesma área que venham até nós partilhar as suas experiências, não apenas durante uma semana mas ao longo do ano;
- prepararemos uma base de dados sobre empresas que possam ser potenciais empregadoras ou parceiras da escola e:
  + já tenham tido contactos com a ESM (para estágios e/ou visitas de estudo);
  + sejam fornecedoras da ESM;
  + possam considerar-se interessantes.
- estabeleceremos contactos, em colaboração com os Coordenadores e Directores de curso

[28] Mas não só:
+ através de um diário de bordo (tomo a expressão usada no CNO desta escola) que servirá para registarmos todas as presenças na escola dos encarregados de educação e pressionarmos os faltosos;
+ a escola procurará organiza, por turma, por curso, por ano ou por escola, actividades para/com os encarregados de educação

e de turma, para concretização dos futuros estágios e visitas de forma a que os nossos professores possam apreender as realidade laborais e assim melhor articularem todo o processo de estágios;

- convidaremos empresários e organizações sindicais para virem à escola falar sobre assuntos de interesse e pertinentes como, por ex., empreendedorismo ou a crise económica ou a internacionalização ou a lei laboral ou o sindicalismo ou…;
- desafiaremos o IEFP para:
  - + se promoverem acções sobre variados temas ligados ao trabalho (entrevista para 1º emprego, esclarecimentos sobre o regime de estágios profissionais e incentivos à criação do próprio trabalho, etc…)
  - + podermos ter acesso directo à informação sobre a existência de empregos, para alunos em dificuldades ou no final dos cursos, por exemplo;
- desafiaremos todos os nossos parceiros para a realização de um FORUM anual de reflexão sobre necessidades de formação e/ou empregabilidade.

Foi, neste quadro, destas quatro áreas que defini as seis metas a seguir elencadas e que, findos os quatro anos de mandato, espero ter atingido:

a. perceber, claramente, o que preenche, humana e profissionalmente as pessoas e/ou o que as separa, magoa, menoriza;
b. proporcionar espaços solidários de diálogo e de construção do *eu* e do *mim*[29] envolvendo as pessoas;
c. promover o bem-estar criativo das comunidades escolar e educativa na presunção de se repor uma cultura de escola baseada no rigor e no humanismo;
d. promover a valorização científico-profissional dos agentes educativos da ESM com vista ao sucesso escolar dos alunos.
e. promover um assertivo e construtivo diálogo com os encarregados de educação;
f. reduzir a retenção e o abandono escolares.

4. Organização da ESM - ORGANOGRAMA

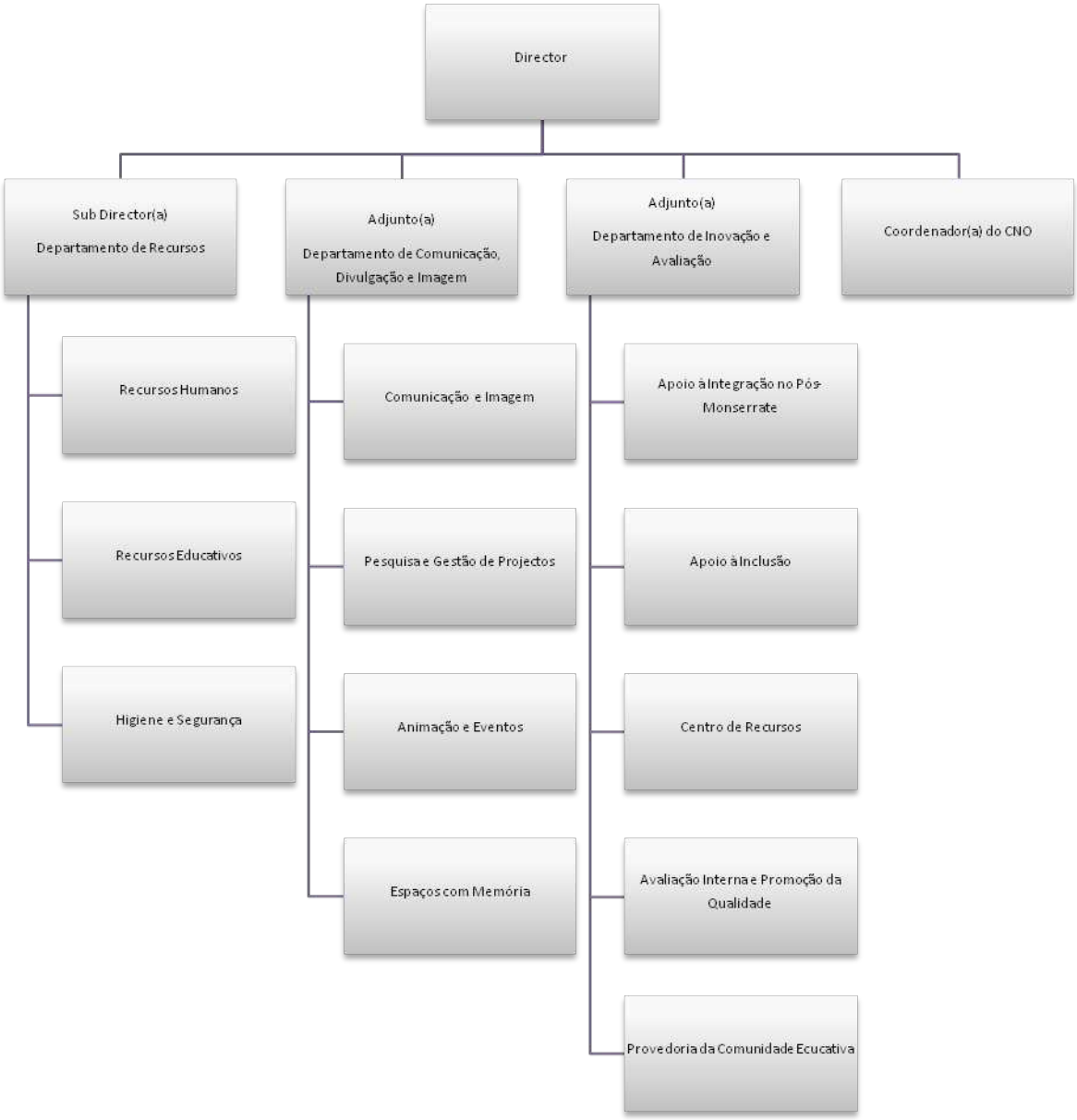
Para este efeito proponho um organograma que prevê, para além do Director, mais três Departamentos – O departamento dos Recursos; o Departamento da Informação, Divulgação e Imagem; o Departamento da Inovação e da Avaliação e o CNO- e para cada Departamento uma série de equipas que procurarão não apenas superar os problemas atrás identificados como

[29] Em cada homem há um ser mais profundo (o homem-ele-mesmo) e um ser social (o homem-resultado da socialização; as máscaras).

ainda inovar práticas, atitudes e comportamentos.

Esta, estou certo, será a forma mais adequada não apenas para gerir esta casa mas ainda para lhe restaurar a imagem e a transformar num espaço onde aprendamos a crescer, fazendo melhor, dialogando mais e ampliando, sadiamente, o nosso banco memória de outros saberes, de inúmeras ciências, de variados conhecimentos. Onde nos intrusemos, definitivamente, nos clãs da nossa contiguidade e nos da dimensão mais cósmica. Onde aprendamos a ser cidadãos plurais de todo o universo. Onde, findos os quatro anos, tenhamos atingido as metas atrás apresentadas.

ORGANOGRAMA[30]



[30] Não insiro, naturalmente, os órgãos , e sua hierarquização, já previstos na lei: Conselhos Geral, Pedagógico e Administrativo

Numa escola não há progressão sustentada sem uma contínua avaliação do grau de satisfação, face ao seu funcionamento, de todos os seus intervenientes. Como em qualquer circunstância da vida.

Se queremos melhorar as nossas práticas, se queremos desenhar uma nova imagem onde se aliem rigor e qualidade ao humanismo implícito numa educação para os afectos e para a esperança, teremos, obrigatoriamente, de nos autoavaliarmos com toda a Verdade que nos seja, em cada momento, acessível.

Proporei uma equipa que avalie, que faculte os seus resultados a todos os órgãos da Comunidade Educativa e proponha, em especial à Direcção e ao Conselho Pedagógico, as soluções que, em seu entender, poderão ajudar a ultrapassar cada problema encontrado.

Para que tal objectivo se alcance, esta equipa:

- ouvirá todos os departamentos e serviços da escola no sentido de construir instrumentos adequados para o estudo e avaliação
  - + do grau de concretização do Projecto Educativo e do Plano de Actividades;
  - + do grau de satisfação da Comunidade Escolar (docentes, não-docentes, alunos e seus encarregados de educação);
  - + dos resultados dos alunos;
  - + dos resultados do CNO;
  - + do grau de interdisciplinaridade dos órgãos da escola (Conselho Geral, Direcção, Conselho Pedagógico e Conselho Administrativo);
  - + do grau de promoção externa da escola;

6. Conclusão

Pouco mais terá ficado por dizer. Ou muito? Estão omissas inúmeras explicações. Está omissa a operacionalização. Darei resposta a estas questões no próximo dia 23. Hoje não quis cansar os nossos convidados.

Contudo, este será o Projecto. Não só meu. Já de uma Equipa. Com que prazer verti nele as muitas sugestões que me foram sendo feitas. Com que prazer o enriqueci com pormenores.

Com que orgulho inúmeros colegas me têm presenteado: "*conta comigo para essa nova escola… que mesmo sem horas quero estar convosco*".

Não passa, contudo de um projecto e, porque assim, estará em contínua (re)construção.

Antes de definitivamente terminar uma palavra de reconhecimento à Lai por todas as ausências desde já anunciadas.. Por todo o seu apoio.

Dir-me-ão que o projecto é ambicioso.

Ambicioso? Talvez. Mas tanto mais possível quanto mais o Director for capaz de delegar competências. E vou fazê-lo tendo em atenção a necessidade de uma liderança forte: um líder não impõe, antes "arrasta" os outros, convence-os a caminharem consigo. Se possível a todos. Delega. Atribui responsabilidades. Avalia. Entende as atenuantes. Entusiasma-se. Para entusiasmar… ainda que no fim responsabilidade seja sempre sua.

Será minha, sem dúvida, a responsabilidade, findos os quatro anos. Mas não apenas. Será também nossa, de **nós-todos** … que fomos **nós-todos** quem justificou o imperativo da minha candidatura.

Ambicioso?

E a **esperança** não pressupõe sempre ambição?

Ambicioso?

Se quero quero agarrar uma estrela tenho de sonhar o cosmos ... que "*pelo sonho é que vamos*!"

Obrigado.

7. Bibliografia citada e alguma passiva

CNJP / Comissão Nacional de Justiça e Paz (2009) - Na crise viver a esperança e fortalecer a solidariedade, construindo um mundo melhor – uma responsabilidade

CRATO, Nuno (2006) – *O 'Eduquês' em discurso directo , uma crítica da pedagogia romântica e construtivista*, Ed Gradiva, Lisboa

DAVIES, Don; MARQUES, Ramiro; SILVA, Pedro (1993) – *Os professores e as Famílias: a colaboração possível*, Livros Horizonte, Lisboa

DIEZ, Juan José (1982) – *Família-Escola, uma relação vital*, tradução de Dulce Salgado Vidigal Marinha, Porto Editora, Porto

DREIKURS, Rudolf (2001) – Educação: um desafio aos pais, tradução de Teresa Gonçalves (ESE/ Viana do Castelo), Ed McGraw-Hill, Portugal

JARES, Xesús R. (2006) - *Educar para a Verdade e a Esperança*, tradução de Paulo Pais e Joana Sousa Pinto, Edições ASA, Lisboa

MARQUES, Ramiro (1988): *A Escola e os Pais, como colaborar* – Texto Editora, Lisboa

MARUJO, Helena Águeda; NETO, Luis Miguel e PERLOIRO, Maria de Fátima (2001) - *Educar para o Optimismo*, 7ª edição, Editorial Presença, Lisboa

MURILLO, F. Javier; MUÑOZ-REPISO, Mercedes (2007) - *A Qualificação da Escola : um novo enfoque*, tradução de Naila Tosca de Freitas, Ed. Artmed, Porto Alegre

PROST, Antoine et alii (2001) - *Espaços de Educação Tempos de Formação,* textos da conferência Espaços de Educação e Tempos de Formação organizada pela F.C. Gulbenkian, Ed. Fundação C Gulbenkian, Lisboa

SAMPAIO, Daniel (2008) - *A Razão dos Avós*, Ed Caminho, Lisboa

SAMPEDRO, J.L. (2003) - *Los Mongoles en Bagdad*, Destino, Barcelona, p.74

SANTOS, Maria Emília Brederote (1991) – *Os Aprendizes de Pigmaleão*, 2ª edição, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, Lisboa

SAVATER, Fernando (1997) - *O Valor de Educar*, Tradução de Michelle Canelas, Ed Presença, Lisboa

GUTIÉRREZ, Francisco e PRADO, Cruz (1999): Ecopedagogia e Cidadania Planetária, Trad. Sandra Trabucco Valenzuela, Cortez Editora e Instituto Paulo Freira, São Paulo

Viana do Castelo, 16 de Abril de 2009

_____

José Luis Carvalhido da Ponte